



## **A comunicação Sem Terra como ferramenta de luta: estratégias contra-hegemônicas do MST<sup>1</sup>**

*Georgia Oliveira SANTOS<sup>2</sup>*

*Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG*

*Marise Baesso TRISTÃO<sup>3</sup>*

*Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG*

*Linha de Pesquisa: Comunicação e Mediação*

### **RESUMO**

Esta pesquisa examina o papel estratégico da comunicação no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), com ênfase em sua adaptação ao ambiente digital. Tradicionalmente, o movimento utilizou meios populares para garantir autonomia discursiva frente às narrativas da grande mídia. No contexto das redes sociais, o estudo investiga como o Instagram do MST se configura como espaço de divulgação, conscientização e resistência às construções hegemônicas. Por meio da Análise de Conteúdo, conclui-se que a plataforma é empregada como ferramenta contra-hegemônica para contestar os discursos neoliberais predominantes.

**Palavras-chave:** MST. Contra-hegemonia. Comunicação popular. Mídia alternativa. Instagram.

### **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem como objetivo analisar a comunicação como um pilar essencial na atuação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), avaliando, principalmente, como a organização vem adaptando sua estratégia para o ambiente digital. Historicamente, o MST tem utilizado veículos de comunicação popular — como rádios comunitárias, jornais e revistas — para mobilizar, educar e fortalecer sua base, preservando sua autonomia narrativa e evitando que esta seja definida pelos grandes veículos de comunicação e suas respectivas agendas.

No entanto, com o impacto das redes sociais durante a crescente centralidade digital, o movimento se vê diante do desafio de traduzir essa comunicação popular para novos formatos, sem perder seu caráter educativo e seu papel de resistência às narrativas hegemônicas. Um exemplo dessa perspectiva

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Academia, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Jornalismo pelo Centro Universitário Academia.

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação, professora do curso de Jornalismo do Centro Universitário Academia.

manifesta-se no discurso que caracteriza as ações do movimento como "invasões" em vez de "ocupações", revelando uma dinâmica permeada por uma disputa de ideias e ideais. "Enquanto o MST ganhou força no cenário nacional, evidenciando suas demandas, a grande mídia relativiza as reais intenções do movimento." (FIGUEIREDO ; CALBINO, 2018, p. 89).

Através desta pesquisa, buscamos compreender como o movimento se apresenta em suas redes sociais, especialmente no Instagram, após uma apuração teórica sobre o panorama histórico de sua comunicação ao longo das últimas décadas. Se há uma preocupação de fazer um contra-ataque do ideal hegemônico, se as redes do MST são apenas uma vitrine de suas ações ou se este é um local de conscientização, baseado na comunicação educativa, sobre os princípios do movimento. O que é predominante em suas postagens?

Apesar de existirem outros trabalhos de análise da comunicação da organização, em geral, são estudos que observaram veículos de comunicação tradicionais do movimento. Ainda são raras as análises que se debruçam sobre a comunicação digital e de rede do MST. Diante disso, entendemos ser importante o nosso estudo.

## **2 O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA**

Conforme informações disponibilizadas no site oficial do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)<sup>4</sup>, sua fundação ocorreu em 1984, na cidade de Cascavel, Paraná, durante o 1º Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra. Sua criação foi motivada pela necessidade de se combater a concentração de terras no Brasil, uma das mais acentuadas do mundo, e garantir o acesso à terra para trabalhadores rurais que viviam em situação de miséria e exclusão.

O MST nasceu, assim, no contexto da redemocratização brasileira, em um período em que os movimentos sociais ganhavam espaço na luta por direitos e contra as injustiças sociais. "Queremos ser produtores de alimentos, de cultura e conhecimentos. E mais do que isso: queremos ser construtores de um país socialmente justo, democrático, com igualdade e com harmonia com a natureza" (MST, 2009, site oficial).

---

<sup>4</sup> Disponível em: [www.mst.org.br/](http://www.mst.org.br/).

O Brasil apresenta uma concentração fundiária que remonta ao período colonial, quando as terras foram distribuídas por meio do sistema de sesmarias, beneficiando as elites coloniais. “Naturalmente, o MST não é o primeiro movimento de luta pela terra. Na história do Brasil há vários relatos de revoltas camponesas. Todos os movimentos anteriores, contudo, permaneceram limitados à região em que surgiram” (Comparato, 2001, p. 106).

Ao longo do século XX, essa concentração se manteve e, em muitos casos, intensificou-se, principalmente com o avanço do agronegócio e a mecanização da agricultura, o que excluiu ainda mais os trabalhadores rurais e pequenos agricultores. Essa realidade levou milhares de famílias a migrarem para as cidades em busca de melhores condições de vida ou a lutarem pela permanência no campo, o que fomentou a organização de movimentos por reforma agrária, entre eles o MST. (MST, 2009, site oficial).

É possível afirmar que a principal motivação do MST é a luta pela reforma agrária, entendida como um processo de redistribuição de terras que visa a corrigir a desigualdade histórica na posse de terras e oferecer condições dignas de vida e trabalho às famílias camponesas. “Desde janeiro de 1984, organiza-se, em todo o Brasil, empreendendo lutas por reforma agrária e por justiça social. Nesses anos, o MST acumulou uma série de conquistas na área da luta pela terra.” (Barbosa, 2013, p. 6).

As ocupações são, portanto, um método de ação direta, mas também uma maneira de dar visibilidade à causa dos trabalhadores rurais sem terra. Esses trabalhadores, em sua maioria, vivem em condições precárias, sem acesso a terra ou a direitos básicos, como educação, saúde e moradia. O MST organiza essas famílias em acampamentos, onde elas passam a viver enquanto aguardam a regularização fundiária das áreas ocupadas. Nesses acampamentos, a vida comunitária é organizada de forma coletiva, e o movimento oferece apoio em diversas frentes, como educação, saúde e cultura.

Como consequência desse trabalho de formação de uma nova consciência crítica dos trabalhadores rurais, a luta pela terra passa a solidarizar-se com as lutas das classes populares na América Latina, referência constante tanto nas publicações como nas formações do movimento. Assim, a América Latina (sua história, seus personagens e suas lutas) é tema recorrente e constante, tanto nas publicações como nos livros e nas formações. (Barbosa, 2013, n.p)

Por um lado, o movimento é constantemente criminalizado por setores conservadores da sociedade e pelo agronegócio, que o acusam de promover a invasão de propriedades privadas e de atuar fora dos limites da legalidade, enfrentando a repressão violenta de forças de segurança, que frequentemente utilizam excessos contra os acampados e militantes. Sem a presença do MST, o número de mortes no campo seria, provavelmente, muito maior. “A morte de um militante do MST é muito mais constrangedora para o governo do que o assassinato de um trabalhador rural não pertencente ao movimento.” (Comparato, 2001, p. 108).

Esses conflitos resultaram, ao longo dos anos, em assassinatos de lideranças do MST, prisões arbitrárias e despejos forçados, o que evidencia a dificuldade em avançar com a pauta da reforma agrária em um contexto de forte resistência de setores poderosos da sociedade brasileira. A falta de políticas públicas adequadas, a precariedade de infraestrutura nas áreas rurais e as dificuldades de acesso a mercados são alguns dos obstáculos enfrentados pelos assentados.

O movimento também estabeleceu importantes alianças, tanto em âmbito nacional quanto internacional. No Brasil, o MST faz parte de uma rede de movimentos sociais que atuam em defesa de causas populares, como o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). No plano internacional, o MST integra a Via Campesina, uma organização global que reúne movimentos camponeses de diferentes partes do mundo e luta pela soberania alimentar e pelos direitos dos trabalhadores rurais.

### **3 A GRANDE MÍDIA E A MÍDIA ALTERNATIVA**

Segundo Gramsci (1980), a classe dominante, por ser proprietária dos meios de produção, exerce também controle sobre os meios de disseminação cultural. Ao transmitir sua visão de mundo para as classes dominadas, ela molda e influencia a formação da opinião pública dessas camadas sociais. Dessa forma, o domínio econômico da classe hegemônica se traduz em controle simbólico, garantindo que a sua própria ideologia seja naturalizada e aceita como uma visão de mundo comum, o que contribui para a manutenção de sua posição de poder sobre a sociedade.

Por enquanto, pode-se fixar dois grandes "planos" superestruturais: o que pode ser chamado de "sociedade civil" (isto é, o conjunto de organismos comumente chamados de "privados") e o da "sociedade

política ou Estado", que correspondem à função de "hegemonia" que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de domínio direto ou de comando, que se expressa no Estado e no governo jurídico. (Gramsci, 1980, n.p)

Assim, é fundamental contextualizar a estrutura e o papel dos veículos de comunicação no Brasil e como eles atuam na formação da opinião pública para compreender a relação do MST com a grande mídia. Conforme Ayoub (2006), a mídia tradicional se posiciona ao lado da elite e busca reforçar a ideia de que suas ações representam o interesse coletivo, mascarando as verdadeiras intenções por trás de sua atuação. A narrativa é construída para dar aparência de legitimidade e justiça às ações que, na realidade, perpetuam a dominação de classe e a concentração de poder.

Nas décadas de 1980 e 1990, por exemplo, o MST foi sistematicamente retratado como "inimigo da ordem" por veículos de grande circulação. Nesse período, a mídia dominante, como as Organizações Globo, apresentava as ocupações de terra realizadas pelo movimento como atos de ilegalidade e ameaça à propriedade privada. O enquadramento da luta do MST pela reforma agrária como uma violação da ordem pública favorecia os grandes proprietários de terra e minimizava as condições precárias dos trabalhadores rurais sem acesso à terra. (MST, 2009, site oficial)

Segundo Figueiredo e Calbino (2018), a grande mídia consolidou-se como uma superestrutura centralizada, controlada por poucos, que moldam as informações de acordo com os interesses das elites econômicas e políticas. "[...] A realidade brasileira aponta para uma concentração da mídia estimulada a partir de 1960, evidenciada em poucos nomes que controlam quase totalmente o que chega ao público" (Figueiredo; Calbino, 2018, p. 94).

Adissi (2010) afirma que os movimentos sociais são constantemente criminalizados pela mídia tradicional, que se alinha a interesses das classes dominantes:

[...] De modo que a criminalização aos movimentos sociais ocorre na ação repressiva do Estado (tribunais, fóruns, polícia, delegacias, presídios etc.) e na produção e reprodução da ideologia, nos discursos e simbologias materializadas pelos aparelhos ideológicos de estado: pelas igrejas, escolas, e mídia, entre outros. (Adissi, 2010, p. 135)

Esta é uma estratégia bem consolidada para deslegitimar pautas e reforçar um discurso que naturaliza a concentração de terras e a marginalização dos trabalhadores rurais. Já para Ayoub (2006, p. 88), a imprensa atua como um representante de classe, defendendo os interesses da elite agrária e industrial, atacando qualquer movimento que desafie essa hegemonia.

A voz dos grandes proprietários de terras é a mesma voz do próprio jornal. A Folha de S. Paulo cumpre seu papel de ser instrumento de dominação — tanto por seu comprometimento ideológico, como por ser propriedade de representantes das classes dominantes. (Ayoub, 2006, p. 88)

Se, de um lado, a mídia tradicional ou hegemônica tem contribuído para a marginalização do MST, seja por meio do silenciamento, seja através da ênfase nos conflitos, sem abordar as ações de transformação social promovidas pelo movimento, do outro, a mídia alternativa surge como um espaço onde o próprio movimento pode narrar sua trajetória e suas lutas. Segundo Peruzzo (2008), a comunicação popular e alternativa é uma resposta dos movimentos sociais para combater a invisibilização e a narrativa única da mídia tradicional.

A comunicação popular foi também denominada alternativa, participativa, participatória, horizontal, comunitária, dialógica e radical, dependendo do lugar social, do tipo de prática em questão e da percepção dos estudiosos. Porém, o sentido político é o mesmo: uma forma de expressão de segmentos empobrecidos da população, mas em processo de mobilização visando suprir suas necessidades de sobrevivência e de participação política com vistas a estabelecer a justiça social. (Peruzzo, 2008, n.p)

Kaplún (1985) define a comunicação popular como "uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista" (1985, p. 7).<sup>5</sup> O MST, ao longo de sua trajetória, construiu e utilizou esse tipo de comunicação como ferramenta essencial para mobilizar suas bases, divulgar suas ações e contrapor as narrativas dominantes que buscam criminalizar o movimento.

O jornal **Brasil de Fato**, fundado em 2003 e vinculado à organização política conhecida como Consulta Popular, da qual o MST é um dos principais integrantes, representa uma manifestação prática e concreta do conceito de imprensa alternativa. O periódico busca informar os trabalhadores rurais e urbanos e também

---

<sup>5</sup> Tradução nossa.

promover o engajamento político, estimulando as lutas sociais e funcionando como um contraponto às narrativas hegemônicas disseminadas pela grande mídia. Cassol (2010), observa em seu trabalho:

O Brasil de Fato nasce [de um] período histórico de derrota dos projetos de transformação social protagonizados pelas classes populares. O objetivo de sua criação é, justamente, o de contribuir para o processo de reorganização de uma esquerda que se vê fragmentada, afastada da realidade concreta do povo e sem capacidade de elaborar e articular um projeto estratégico de sociedade. (Cassol, 2010, n.p)

Evidencia-se, à luz do que foi exposto até aqui, que a imprensa alternativa no Brasil tem sido um instrumento de relevância para a comunicação das classes populares, proporcionando um espaço de resistência e engajamento político. A comunicação popular, caracteriza-se pela participação direta do "povo" como protagonista.

Como aponta Peruzzo (2008, p. 370), ela é “um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa”. Evidencia-se, portanto, que a comunicação popular, ao dar voz aos anseios das classes subalternas, fortalece o debate público e impulsiona a luta por transformações sociais significativas.

#### **4 DOS INFORMATIVOS IMPRESSOS AO MUNDO DIGITAL: A COMUNICAÇÃO DO MST**

Figueiredo e Calbino (2018) referem-se a Antônio Callado ao destacar que o autor observa como, por meio de um "truque epistemológico", problemas antigos e sem solução, como a reforma agrária, são frequentemente tratados como questões resolvidas. Para Callado, conforme citam os autores, o silêncio conivente sobre o tema transforma a reforma agrária em um tabu, praticamente ausente das pautas cotidianas. “Discutir esse assunto no Brasil, ainda hoje, é visto como arriscado, sendo facilmente rotulado de comunista, antiquado ou ilusório” (Callado apud Figueiredo & Calbino, 2018).

Por isso, a necessidade de estabelecer uma comunicação eficaz com o público externo surge como resposta às distorções e à criminalização

frequentemente promovidas pela mídia tradicional. “Ao propor a ampliação, os movimentos sociais criticam a forma como são criminalizados pela indústria jornalística, como é o caso do MST no Brasil.” (Barbosa, 2013, p. 49). Essa realidade impõe ao MST a responsabilidade de construir suas próprias narrativas a partir de uma comunicação alternativa. Barbosa (2013) delinea os fundamentos dessa política de comunicação, que se estrutura em quatro pilares essenciais:

- I – A comunicação deve auxiliar no processo de organização dos trabalhadores;
- II – Deve formar nova consciência, reinterpretando conteúdos e, a partir dessa nova visão, impulsionando os trabalhadores a lutar por mudanças na sociedade, com base no conceito de contra-hegemonia de Antônio Gramsci;
- III – A comunicação deve educar para transformar, alinhando-se ao conceito de comunicação educativa proposto por Mário Kaplún;
- IV – A comunicação precisa ter sentido e ser compreendida pelo camponês, valorizando e incorporando sua cultura popular, o que é realizado por meio da mística no processo de seleção e construção das notícias. (Barbosa, 2013, n.p)

Esses pilares foram moldados ao longo da trajetória do MST e manifestam-se em diversos momentos. Por exemplo, o **Jornal Sem Terra**, publicado de 1981 até 2011, informava enquanto contribuía na construção da identidade do MST, refletindo suas lutas e conquistas. Originalmente denominado **Boletim Informativo da Campanha de Solidariedade aos Agricultores Sem Terra**, o jornal ultrapassou 300 edições (Barbosa, 2013). Sua evolução reflete as definições políticas do MST ao longo do tempo, consolidando-se como importante registro das lutas do movimento.

Na edição 119, em setembro de 1992, delinea suas funções com grande destaque: informar, formar, organizar e promover a unidade política do movimento, evidenciando o compromisso com a formação da consciência dos trabalhadores. "Informar é fundamental para estimular a participação dos trabalhadores, enquanto a formação da consciência é crucial para unificar o entendimento sobre a realidade brasileira" (Jornal Sem Terra, 1992, apud Barbosa, 2013).

Além disso, a **Revista do Sem Terra**, uma publicação bimestral destinada ao público apoiador do movimento, abordava temas relevantes, como reforma agrária e direitos humanos. “Se o jornal era voltado para a base, a revista tinha o objetivo de debater os temas de interesse do MST com os setores que apoiam ou se



aproximam do movimento.” (Barbosa, 2013, p. 15). Entretanto, a revista teve que ser descontinuada devido aos altos custos de produção.

A comunicação radiofônica é outra ferramenta importante para o MST. Diferente das mídias impressas e digitais, o rádio se insere diretamente nos acampamentos e assentamentos, promovendo a produção descentralizada de conteúdos. "A rádio é uma forma de fazer a visão do MST chegar aos camponeses," explica Barbosa (2013). Programas produzidos por militantes são veiculados em rádios comunitárias, enquanto a **Radioagência Notícias do Planalto** fornece conteúdo para emissoras em todo o Brasil, mantendo uma abordagem independente da indústria jornalística.

A crescente digitalização da sociedade impôs novos desafios e oportunidades para os movimentos sociais. O MST rapidamente reconheceu a necessidade de se adaptar a esses meios, ocupando plataformas digitais, como o site oficial, o Instagram<sup>6</sup> e demais redes sociais. De acordo com Dantas (2021), a presença do MST nas redes digitais combate a desinformação, fortalece a organização interna e a mobilização social, refletindo os pilares de comunicação expostos acima.

Desde os primeiros passos na internet, com a inclusão do endereço de seu site oficial já presente na edição 170 do **Jornal Sem Terra**, em 1997 (Barbosa, 2013), o MST tem se consolidado como um movimento que vê no digital um instrumento de ampliação de suas vozes. O site oficial do movimento, lançado em domínio próprio, oferece uma gama de recursos que vão desde editoriais voltados à identidade do movimento até a disponibilização de conteúdos educativos em sua biblioteca digital.

A comunicação alternativa, conforme defendido por Kaplún (1997), deve ser acessível e respeitar as especificidades culturais do público com quem dialoga. O MST, ao adotar o digital, preserva esses valores e os transporta para um novo campo de batalha informacional. O foco em "formação política, pedagogia crítica e mística cultural do movimento" contribui para uma comunicação eficaz que une seus militantes em torno de um projeto político comum (Dantas, 2021, p. 53).

## 5 ANÁLISE DO INSTAGRAM DO MST

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/movimentosemterra/>.

Optamos por seguir o pensamento de Laurence Bardin (2011) acerca dos métodos de análise. Utilizamos três etapas fundamentais propostas pela autora: a pré-análise para definirmos nosso objeto, que é a fase de organização, com o objetivo de operacionalizar e sistematizar as ideias; a exploração do material, que compreende a construção das operações de codificação, coletando todo o material utilizado para o estudo e recortando em unidade de registro; e, finalmente, o tratamento dos resultados obtidos de interpretação, a partir dos resultados da pesquisa.

Este modelo permite analisar o conteúdo e identificar as questões mais recorrentes em nosso objeto de estudo. Inicialmente, decidimos começar nossa análise pelo mês de abril de 2024, em razão da data que rememora anualmente a chacina de Eldorado dos Carajás, ocorrida em 17 de abril de 1996<sup>7</sup>. No entanto, decidimos analisar o mês de setembro, que oferece uma visão mais abrangente, uma vez que antecedeu as eleições, mas reuniu também uma variedade de temas que não se limitaram a esse evento.

No Instagram, o MST se apresenta com a frase: “Lutar, construir Reforma Agrária Popular! Acesse nossa página, redes sociais e compre produtos da Reforma Agrária.” em sua biografia. Vale destacar que também há páginas regionais do movimento na plataforma, que frequentemente utilizam o recurso de compartilhamento para vincular suas publicações à página principal.

Essas páginas representam assentamentos regionais, como a do MST Zona da Mata em Minas Gerais, cuja análise também foi considerada antes da definição do objeto. Observamos que as páginas regionais usam a plataforma predominantemente para divulgar eventos e promover a comercialização de produtos provenientes de suas produções. Visando uma compreensão mais completa, optamos por concentrar o estudo na página nacional do movimento.

No momento da análise<sup>8</sup>, a página do MST no Instagram contava com 1.023.749 seguidores e apresentava destaques relevantes, contendo informações sobre as eleições de 2024, canais de apoio aos atingidos pelas enchentes no Rio Grande do Sul, além de seções dedicadas aos Armazéns do Campo – lojas e

---

<sup>7</sup> O Massacre de Eldorado dos Carajás, ocorrido em 17 de abril de 1996, resultou na morte de 21 trabalhadores rurais Sem Terra, assassinados por policiais militares durante uma manifestação no Pará. O episódio é lembrado anualmente como o Dia Internacional da Luta Camponesa e simboliza a resistência pela reforma agrária. O MST realiza, desde então, a Jornada Nacional de Lutas em Defesa da Reforma Agrária, para manter viva a memória e exigir reparação aos sobreviventes.

<sup>8</sup> Setembro de 2024.

espaços culturais do movimento presentes em várias cidades –, rede de vendas do boné, informações institucionais e um FAQ. A foto de perfil exibia o boné do MST, símbolo que nos últimos anos tem gerado bastante discussão.

Vale ressaltar que, em março de 2022, a Folha de S. Paulo observou que o boné do MST havia se tornado um “acessório de gourmetização”, sendo cada vez mais usado por celebridades e pessoas da classe média alta. Em resposta, o MST publicou um carrossel no Instagram questionando: “Quem pode usar o boné do MST?”. Na postagem, a organização reafirmou que o boné é um símbolo tão importante quanto a bandeira, o hino, a lona preta, a foice e o facão, devendo ser usado por todos os “amigos, parceiros e defensores da reforma agrária popular.”

Definimos que a análise ocorreria em dois períodos específicos do mês de setembro: a primeira semana, de 1º a 7, e a última, de 23 a 30. A primeira semana inclui o dia 7 de setembro, o que torna o período relevante para entender como a organização se posiciona diante à data comemorativa. Já a última semana do mês coincide com o final do ciclo eleitoral, permitindo avaliar como a comunicação do MST se adapta durante períodos de alta atividade política. Além desses episódios, também podemos acompanhar a página em dias de atividade basal.

Com base em Bardin (2011), estabelecemos nossas categorias de observação e análise. Inicialmente, verificamos se os posts abordavam temas como combate à desinformação, fortalecimento da imagem institucional e mobilização social. A partir das observações, identificamos outras categorias relevantes e as organizamos em um quadro comparativo, abrangendo os tópicos analisados com maior frequência.

Essas categorias serviram de base para a organização do quadro comparativo apresentado a seguir.

- a) **Atualizações internas e apoio a eventos:** engloba informações sobre atividades internas do MST, como encontros e mobilizações em diferentes cidades. Também inclui apoio a eventos que o movimento organiza ou participa;
- b) **Protestos e ações de rua:** refere-se às manifestações públicas promovidas pelo MST em apoio à reforma agrária e a outras causas. Aqui, são destacadas as mobilizações de rua, como protestos, atos de resistência e solidariedade;
- c) **Eleições e candidaturas:** apresenta informações sobre candidaturas oficialmente lançadas pelo MST em todo o Brasil;

- d) **Combate à desinformação:** foca na desmistificação de notícias falsas e distorcidas que circulam pela mídia e por grupos contrários ao MST. O objetivo é refutar informações errôneas ou manipuladas, apresentando dados verídicos e esclarecendo a opinião pública, especialmente valioso para nossa pesquisa;
- e) **Apoio a causas afins:** refere-se ao apoio do MST a outras causas políticas que, embora não diretamente relacionadas à reforma agrária, compartilham princípios de justiça social, direitos humanos e igualdade. Inclui a solidariedade a lutas de comunidades indígenas, movimentos ambientais, entre outros.
- f) **Educomunicação<sup>9</sup>:** trata da disseminação de conteúdos educativos baseados em artigos científicos, pesquisas e materiais informativos que refletem a visão política do MST. Ao contrário da seção que nomeamos como “combate à desinformação”, o foco aqui é informar, educar e promover o pensamento crítico sobre temas sociais e políticos.
- g) **Novos assentamentos:** divulga novas ocupações e a organização de ocupações de terra pelo MST. Esta categoria destaca as conquistas do movimento na luta pela reforma agrária e a implementação de comunidades autossustentáveis.
- h) **Datas comemorativas e eventos históricos:** destaca as datas e eventos históricos de relevância para o MST, como aniversários de lutas significativas ou marcos importantes na trajetória do movimento.

**QUADRO 1 – Categorias analisadas no Instagram nacional do MST**

	<b>Semana 1</b>	<b>Semana 2</b>
<b>Ações internas e apoio a eventos</b>	<b>75</b> (20 publicações diretas, 55 colaborações de outras páginas)	<b>39</b> (14 publicações diretas, 25 colaborações de outras páginas)
<b>Protestos/Atos</b>	<b>6</b> (1 publicação direta, 5 colaborações de outras páginas)	<b>5</b> (4 publicações diretas, 1 colaboração de outra página)
<b>Eleições</b>	<b>7</b> (7 publicações diretas, 0 colaborações de outras páginas)	<b>31</b> (29 publicações diretas, 2 colaborações de outras páginas)
<b>Combate à</b>	<b>7</b> (7 publicações diretas, 0 colaborações de outras	<b>6</b> (5 publicações diretas, 1 colaboração de outra página)

<sup>9</sup> Para Kaplún (1985), a comunicação não funciona se não através do diálogo. O pesquisador criticou o modelo de comunicação massiva, comparando-o com o modelo “bancário” de educação. Para ele, comunicação e educação são ciências indissociáveis, e daí, surge o termo educomunicação.

<b>desinformação</b>	páginas)	
<b>Apoio a causas afins:</b>	<b>3</b> (2 publicações diretas, 1 colaboração de outras páginas)	<b>4</b> (3 publicações diretas, 1 colaboração de outra página)
<b>Educomunicação</b>	<b>14</b> (11 publicações diretas, 3 colaborações de outra página)	<b>15</b> (14 publicações diretas, 1 colaboração de outra página)
<b>Novas ocupações</b>	<b>3</b> (2 publicações diretas, 1 colaboração de outras páginas)	<b>0</b>
<b>Datas comemorativas</b>	<b>13</b> (8 publicações diretas, 5 colaborações de outras páginas)	<b>7</b> (7 publicações diretas, 0 colaborações de outras páginas)
<b>Denúncias</b>	<b>10</b> (5 publicações diretas, 5 colaborações de outras páginas)	<b>5</b> (1 publicação direta, 4 colaborações de outras páginas)
<b>TOTAL</b>	<b>138</b>	<b>112</b>

Fonte: tabela elaborada pelos autores desta pesquisa (2024).

Nas duas semanas avaliadas, a página compartilhou 250 conteúdos entre postagens próprias e contribuições de páginas parceiras. A categoria que abrange a maioria das publicações durante as duas semanas analisadas é voltada para as ações internas e o apoio a eventos do movimento. No total, foram registradas 114 postagens que incluem a divulgação de eventos em diversas regiões do Brasil, celebrações de conquistas, dicas de receitas culinárias, comunicados de falecimento de membros e registros fotográficos de encontros realizados. Um destaque recorrente é a Feirinha do MST em Maceió<sup>10</sup>, que, principalmente na primeira semana, aparece com frequência nas publicações da categoria.

Outro evento destacado no período é o Seminário Internacional Comunicação para a Integração<sup>11</sup>, realizado na Casa Popular do MST, em São Paulo, que reuniu jornalistas da região, profissionais do setor e pesquisadores para refletir de forma colaborativa sobre as possibilidades concretas de integração no continente. Outras publicações registram iniciativas relevantes, como a Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA)<sup>12</sup>, realizada na Universidade Federal de Ouro

<sup>10</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_gFiWTJbX3/](https://www.instagram.com/p/C_gFiWTJbX3/) Acesso: 06/11/2024.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAUPSizNZ2N/> Acesso: 06/11/2024.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DATL3W6ubJG/> Acesso: 06/11/2024.

Preto, que abrangeu debates, shows, intervenções culturais e oficinas, fortalecendo o engajamento do público universitário com a causa agrária.

A segunda categoria de maior destaque concentra conteúdos voltados à divulgação e apresentação de candidaturas Sem Terra em todo o Brasil. Durante as semanas, foram compartilhadas 38 publicações, detalhando candidatos individualmente ou agrupados por região. O apoio à candidatura de Guilherme Boulos à prefeitura de São Paulo também aparece recorrentemente, com ações como o ato de rua Bandeiraço por Boulos<sup>13</sup>, realizado em São Paulo.

Ao todo, o MST elegeu 133 representantes em todas as grandes regiões do país, resultado de uma articulação inédita do movimento em apoio a políticos comprometidos com a classe trabalhadora rural e urbana. Esse esforço garantiu 110 vagas em câmaras municipais, prefeituras e vice-prefeituras, especialmente em cidades do interior, alcançando uma presença em 19 estados brasileiros.<sup>14</sup>

As categorias voltadas ao combate à desinformação e à educomunicação somaram, juntas, 42 publicações. Embora ambas as abordagens compartilhem o objetivo central de esclarecer, desmistificar e popularizar as pautas do movimento, fundamentadas em informações substanciais e confiáveis, optamos por classificá-las em categorias distintas. A primeira, relacionada ao combate à desinformação, agrupa conteúdos voltados a esclarecer e desmascarar ataques e distorções presentes na grande mídia, como fica claro ao analisarmos a cobertura de uma nova parceria entre o MST e o governo da Venezuela.

A ação, que busca promover as práticas agroecológicas e a produção de alimentos orgânicos, foi abordada pela revista **Veja** de forma pejorativa, com a manchete "A parceria do MST com o ditador venezuelano na fronteira do Brasil"<sup>15</sup>, reforçando uma narrativa que associa o movimento a figuras políticas controversas e prejudica a percepção pública do projeto. Em resposta, o MST discutiu todo o projeto em seu podcast, Internacionalizemos a Luta<sup>16</sup>, no qual aborda sua perspectiva internacionalista. O conteúdo foi divulgado em cortes no Instagram, com uma chamada para o programa completo no Spotify, que conta com a participação

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAWVP1ZxipK/> Acesso: 06/11/2024.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://mst.org.br/2024/10/08/mst-elege-133-candidaturas-em-todas-as-grandes-regioes-do-pais/> Acesso: 06/11/2024.

<sup>15</sup> Disponível em: [veja.abril.com.br/brasil/a-parceria-do-mst-com-o-ditador-venezuelano-na-fronteira-do-brasil](https://veja.abril.com.br/brasil/a-parceria-do-mst-com-o-ditador-venezuelano-na-fronteira-do-brasil) Acesso: 11/11/2024

<sup>16</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4gtkfXWTqSQYZ6wtflsNUv> Acesso: 11/11/2024.

de Simone Magalhães, do Setor de Internacionalismo, para esclarecer os objetivos do projeto.

“A parceria dos sem-terra com a ditadura venezuelana oficialmente prevê o cultivo de alimentos em uma área de 10 mil hectares” relata o jornalista Hugo Moraes na **Veja**. Por outro lado, o movimento usa o Instagram para produzir conteúdos que elucidam a importância da iniciativa para a soberania alimentar e a promoção de práticas sustentáveis, destacando o compromisso em fortalecer as lutas e a autonomia dos povos por meio de parcerias construtivas e agroecológicas.

Já na categoria de educomunicação, a estratégia foca em informar o público sobre temas como ecologia, desmatamento e política internacional, conectando essas questões à sua perspectiva crítica de desenvolvimento sustentável e justiça social. Em consonância com sua proposta de transformação, o movimento dissemina informações visando sensibilizar e conscientizar seu público em relação ao projeto de reforma agrária, como no conteúdo que faz o alerta "Brasil em chamas: queimadas impulsionadas pelo agronegócio agravam crise climática"<sup>17</sup>, em que convida para a leitura de um artigo completo na legenda.

Na primeira semana analisada, de 1º a 7 de setembro, a comunicação do MST também destacou histórias que reforçam a solidariedade e o impacto comunitário, como o exemplo da Cozinha Solidária em Porto Alegre<sup>18</sup>. Nesse caso, Elisabeth Lopes da Silva lidera uma iniciativa de assistência alimentar em resposta às enchentes de 2024, mostrando como o movimento transforma narrativas locais em símbolos de uma visão mais ampla de justiça e autossuficiência

Como já mencionado, optamos por incluir em “datas comemorativas” as celebrações internas da organização, para além das sazonalidades reconhecidas pela Constituição Brasileira. Um exemplo é a publicação de 7 de setembro, destacando os 14 anos de luta e resistência do Assentamento Osvaldo de Oliveira<sup>19</sup>, em Macaé (RJ) — Projeto de Desenvolvimento Sustentável que abriga mais de 50 famílias e que se tornou referência na produção coletiva de alimentos saudáveis e sem agrotóxicos.

Em alusão ao Dia da Independência, a organização trouxe à tona a provocativa questão: "O Brasil é realmente independente?". Essa reflexão tornou-se

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DARxA80Jx3Q/> Acesso: 11/11/2024.

<sup>18</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_jjG77vN\\_n/](https://www.instagram.com/p/C_jjG77vN_n/) Acesso: 11/11/2024.

<sup>19</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_oulQEpfZ\\_/](https://www.instagram.com/p/C_oulQEpfZ_/) Acesso: 12/11/2024

um eixo central do Grito dos Excluídos<sup>20</sup>, que, em sua 30ª edição, buscou aprofundar o debate sobre a soberania nacional e as contradições sociais que ainda persistem. Realizado em várias cidades, como Curitiba, o ato reuniu movimentos sociais e populares em manifestações que questionaram a dependência econômica, a desigualdade social e a exclusão de parte da população dos direitos básicos.

Ainda no dia 7 de setembro, o movimento utilizou sua página para denunciar a ação de despejo realizada pela Polícia Militar na ocupação de terras em Mirante do Paranapanema, no interior de São Paulo<sup>21</sup>. De acordo com a legenda da publicação, cerca de 100 militares da tropa de choque e da cavalaria foram enviados ao acampamento para remover 138 famílias da fazenda Santa Cruz do Kurata sem ordem de despejo oficial, na região do Pontal do Paranapanema. A denúncia destaca a falta de diálogo e negociação por parte do governo estadual, enfatizando a maneira coercitiva utilizada na retirada das famílias.

Reafirmando o compromisso de mobilizar apoio popular e denunciar práticas que afetam as comunidades do campo, o movimento utilizou suas plataformas para divulgar a ação de despejo. Após ampla pesquisa, ressaltamos a ausência de cobertura por parte dos grandes veículos tradicionais, como **G1, Veja, Folha de S. Paulo e Estadão**. O episódio recebeu breves menções em alguns veículos de comunicação independentes e/ou locais, os quais publicaram notas sobre o evento.

Nos veículos **Gazeta Paranapanema**<sup>22</sup> e **O Democrata**<sup>23</sup>, percebe-se que essas notas foram baseadas no *release* da Polícia Militar, que afirma: “após negociação com o representante do movimento, os integrantes concordaram em desocupar a área, desmontar os barracos e reparar a cerca danificada.” Essa versão contradiz diretamente os relatos divulgados pelo movimento em suas redes sociais, que denunciam uma ação conduzida pela PM de forma truculenta e sem qualquer abertura para diálogo ou negociação.

---

<sup>20</sup> Segundo o projeto, o Grito dos Excluídos é uma manifestação popular, iniciada em 1995, que ocorre todo dia 7 de setembro, como um contraponto ao Grito da Independência. Seu objetivo é dar voz aos excluídos da sociedade, denunciando as injustiças e desigualdades que afetam as populações mais vulneráveis, e promover a reflexão sobre um Brasil mais justo e inclusivo. Disponível em: <https://www.gritodosexcluidos.com/sobre-grito-dos-excluidos-e-excluidas> Acesso: 12/11/2024

<sup>21</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_oJuedvnmp](https://www.instagram.com/p/C_oJuedvnmp) Acesso: 12/11/2024

<sup>22</sup> Disponível em: <https://gazetaparanapanema.com.br/pm-negocia-desocupacao-de-propriedade-com-mais-de-130-pessoas-em-mirante-do-paranapanema/> Acesso: 12/11/2024

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.odemocrata.com.br/policial/policia-militar-negocia-desocupacao-de-propriedade-com-mais-de-130-pessoas-em-mirante-do-paranapanema-sp/> Acesso: 11/11/2023



Na categoria que intitulamos como “novas ocupações”, a primeira e única contribuição durante o período estudado veio da página do MST São Paulo que, em colaboração com a página nacional relatou a reocupação da fazenda Santa Cruz do Kurata, que possui 1400 hectares de terra devoluta. No total, contabilizamos 28 publicações compartilhadas unicamente no 7º dia do mês.

Dentre os conteúdos examinados ao longo do período determinado, o *post* de maior destaque foi publicado pela página oficial do @movimentosemterra em 5 de setembro de 2024. Em tom comemorativo, a postagem informa que 15 jovens provenientes de famílias ligadas ao MST iniciaram seus estudos de Medicina em Havana, Cuba<sup>24</sup>.

**Figura 1 – Publicação extraída do Instagram nacional do MST**



Fonte: Instagram nacional do MST (@movimentosemterra)

Com 39.768 curtidas e mais de mil comentários registrados até o momento deste estudo<sup>25</sup>, o conteúdo alcançou a maior taxa de engajamento observada. Além das reações positivas, a seção de comentários tornou-se um espaço para amplas discussões e questionamentos, embora predominem felicitações aos jovens e seus familiares.

Inicialmente, classificamos a publicação como mais uma entre tantas que informam sobre conquistas e atividades internas da organização. Contudo, ao detectarmos o valor-notícia do conteúdo, realizamos a busca por ocorrências em

<sup>24</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_iw0XGx9-b/](https://www.instagram.com/p/C_iw0XGx9-b/) Acesso: 12/11/2024.

<sup>25</sup> Novembro de 2024.

grandes veículos de comunicação e notamos uma diferença fundamental em relação às denúncias de despejos ilegais anteriormente avaliados, que costumam apresentar o movimento como alvo de agressões e em uma posição de defesa. Aqui, o conteúdo sobre os jovens estudantes ganhou repercussão na grande mídia.

A **Veja** se debruçou sobre o tema com abordagens enviesadas. Em 7 de setembro, dois dias após o *post* do MST, a revista publicou uma matéria com o título: “Com apoio do governo Lula, MST expande parcerias na China, Cuba e Venezuela”<sup>26</sup>, propondo, mais uma vez, uma narrativa que associa o movimento a regimes autoritários. Em tom semelhante, a **Gazeta do Povo** publicou a manchete “MST reforça laços com ditaduras na Venezuela, Cuba e China.”<sup>27</sup>

Logo no início de seu texto, a jornalista Aline Rechmann, da **Gazeta do Povo**, argumenta que “a ligação entre o movimento e as ditaduras se dá por interesses ligados ao socialismo”, afirmando que as “origens” do MST são pretexto para, segundo ela, estabelecer conexões com ditaduras. Em ambas matérias o ingresso dos 15 jovens à Escola Latinoamericana de Medicina é citado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após estudo do material teórico e realização da Análise de Conteúdo, foi possível perceber que o MST busca realizar uma transição metódica de seus princípios de comunicação popular e comunitária para o cenário digital, preservando valores e práticas estabelecidos desde os primórdios de seu Setor de Comunicação, perceptível em seu jornal impresso e em sua rádio. A avaliação dos 250 conteúdos compartilhados no decorrer das duas semanas selecionadas revela que a elevada frequência de publicações na página constitui um padrão desvinculado de eventos sazonais específicos.

Na primeira semana, temas como o 7 de setembro, o Grito dos Excluídos e processos de ocupação de terras impulsionaram um volume significativo de conteúdo; a segunda semana, por sua vez, caracterizou-se pela intensificação de questões ligadas ao processo eleitoral, com demandas urgentes e de ampla

---

<sup>26</sup> Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/politica/com-apoio-do-governo-lula-mst-expande-parcerias-na-china-cuba-e-venezuela> Acesso em 12/11/2024

<sup>27</sup> Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/politica/com-apoio-do-governo-lula-mst-expande-parcerias-na-china-cuba-e-venezuela> Acesso em 12/11/2024

abrangência. No entanto, esse fluxo constante de atualizações sinaliza que a página cumpre um papel estratégico como núcleo central de articulação, atuando como repositório para as contas parceiras, assim como uma fonte de informação confiável e atualizada para o público em geral, simpatizantes e militantes.

Com uma base de seguidores que ultrapassa um milhão, o engajamento médio oscila entre mil e dez mil interações, com apenas algumas publicações atingindo alta visibilidade. Esse descompasso sugere que o MST não busca popularidade digital em si, mas sim um espaço central que sustente e oriente as iniciativas regionais, reforçando o fluxo de comunicação interna e o vínculo com a base.

Torna-se evidente que persiste a necessidade da organização em reafirmar sua autonomia narrativa, assumindo as rédeas da própria imagem diante de uma mídia tradicional que, em diversas ocasiões, insinua enquadramentos conforme seus próprios interesses. Esse movimento estratégico não se reduz a uma mera autodefesa, mas à consolidação de uma presença discursiva autônoma, voltada à construção de uma identidade pública resistente.

Ainda que de forma velada, a grande mídia brasileira mantém estratégias de deslegitimação, muitas vezes sutis, mas persistentes, como observado na insistência da cobertura realizada por veículos como **Veja** e **Folha de S. Paulo**. Contra esse cenário, o MST reafirma sua presença constante nas redes e demais meios digitais, aproximando-se da população e garantindo que sua própria voz, e não uma interpretação mediada por interesses alheios, seja a força orientadora do entendimento público sobre suas ações e objetivos.

Em uma linha de continuidade com sua trajetória histórica, o Setor de Comunicação do MST demonstra habilidade em adaptar seus objetivos e diretrizes ao contexto das mídias sociais, incorporando visões que desde sempre orientaram sua prática. Nesse cenário, destaca-se o papel crucial da mídia independente, que se apresenta como aliada ao amplificar as vozes do movimento e oferecer narrativas mais próximas da realidade, em contraste com a resistência da grande mídia, que, de maneira sutil — e talvez mais dissimulada do que em épocas anteriores —, ainda procura deslegitimar o MST.

## ABSTRACT

This study investigates the strategic role of communication in the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), with an emphasis on its adaptation to digital platforms. Historically, to mobilize, educate, and empower its base while safeguarding its narrative autonomy against dominant media agendas. In the digital context, this research examines the MST's use of Instagram as a platform for awareness, resistance, and ideological contestation. Through Content Analysis, the study concludes that Instagram serves as a counter-hegemonic tool aimed at educating, informing, and challenging prevailing neoliberal discourses.

Keywords: MST. counter-hegemony. popular communication. alternative media. Instagram

## REFERÊNCIAS

ADISSI, Paula Oliveira. **A criminalização do MST: mídia porta-voz de quem?** Londrina: UEL, 2010. Disponível em: [https://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais\\_ivsimp/gt2/14\\_PaulaAdissi.pdf](https://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais_ivsimp/gt2/14_PaulaAdissi.pdf). Acesso em: 07 out. 2024.

AYOUB, Hannah. **Mídia e movimentos sociais: a satanização do MST na Folha de S. Paulo.** Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1888/2045>. Acesso em: 07 out. 2024.

BARBOSA, Alexandre. **A comunicação do MST: uma ação política contra-hegemônica.** 2013. 239 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-26022014-120204/publico/ALEXANDREBARBOSACorrigida.pdf>. Acesso em: 07 out. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

CASSOL, Daniel Barbosa. **Brasil de Fato: a imprensa popular alternativa em tempos de crise.** 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2658>. Acesso em: 07 out. 2024.

COMPARATO, Bruno Konder. **A ação política do MST.** São Paulo: SciELO, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/8f4fyVTD4DftydPngLdLPvP/>. Acesso em: 07 out. 2024.

DANTAS, Ana Luiza Souza. **Estratégias comunicacionais na formação política.** Rio Grande do Norte. 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/34018/1/EstrategiasComunicacionaisFormacaoPolitica\\_Dantas\\_2021.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/34018/1/EstrategiasComunicacionaisFormacaoPolitica_Dantas_2021.pdf). Acesso em: 22 nov. 2024.

FIGUEIREDO, Yuri Gomes; CALBINO, Daniel. **A imagem do MST produzida pela mídia e sua influência sobre a formação discursiva dos discentes de uma**

**Universidade Federal.** Revista MSEU. Disponível em:  
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistamseu/article/view/234596>. Acesso em: 07 out. 2024.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a política e o Estado moderno.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. Disponível em:  
<https://cesarmangolin.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/02/gramsci-os-intelectuais-e-a-organizacao-da-cultura1.pdf>. Acesso em: 07 out. 2024.

KAPLÚN, Mario. **El Comunicador Popular.** 1. ed. Quito: CIESPAL-CESAP-Radio Nederland, 1985. Disponível em:  
<https://biblio.flacsoandes.edu.ec/libros/digital/42036.pdf>. Acesso em: 07 out. 2024.

**Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.** Disponível em:  
<https://mst.org.br>. Acesso em: 06 out. 2024.

PERUZZO, Círcia M. Krohling. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados:** reelaborações no setor. Palavra Clave, Bogotá, v. 11, n. 2, p. 367-379, dez. 2008. Disponível em:  
<https://www.redalyc.org/pdf/649/64911214.pdf>. Acesso em: 07 out. 2024.